

## EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE – Como a educação executiva pode integrar soluções para o bem-estar geral.

O mundo que desejamos decorrerá do que pensamos, de como vivemos e agimos no presente, e depende em boa parte da forma como fomos educados.

As ações de educação não devem mais se pautar por técnicas estanques, modelos em voga ou programas engessados, mas num valor fundamental: desenvolver pessoas de forma integral, operando a partir de correntes de aprendizagem contínua animadas por indivíduos autônomos, nas quais o ato de aprender é mútuo, dinâmico e afinado à complexidade intrínseca do mundo em que vivemos.

Se é certo que temos hoje uma maior preocupação com a sustentabilidade, também é certo que ainda estamos muito longe de atingir o ponto ideal, que é mudar de forma radical o centro do pensamento econômico, arraigado ao longo de tantas gerações e cuja concepção de desenvolvimento permanece atrelada à exploração predatória dos recursos disponíveis.

A noção dominante de sucesso ainda se pauta no individualismo e na competitividade, embora, paradoxalmente, praticamente todas as ciências sociais reconheçam que não apenas a competição, mas também a capacidade de cooperação e formação de laços, são os grandes motores da evolução humana. Disso decorre que, embora o mercado seja regulado pela competitividade, no seu âmago, ele deve desenvolver a capacidade de se ancorar nos princípios da colaboração no que concerne ao imperativo do bem comum.

Até recentemente, os governos estavam preocupados apenas com as condições econômicas, sociais e ambientais nos seus redutos locais. Hoje, os gritantes problemas globais em relação ao aquecimento do planeta e às perdas na biodiversidade os obrigam a olhar muito além de suas fronteiras. As empresas, por sua vez, veem-se compelidas a incorporar ações socioambientais e mesmo político-institucionais nos seus planos estratégicos. O mundo acadêmico, que muitas vezes tem sua visão voltada para o passado, para entender e remediar evidências, começa a despertar para uma postura prospectiva em relação aos desafios complexos do futuro. Quais algumas coordenadas para nos inserirmos nesse processo?

Em 2006, a pesquisa *Avastone Corporate Sustainability Study*, consultoria britânica que trabalhou com mais de 700 empresas ao redor do mundo, buscou identificar o que se pensava, à época, sobre o conceito de sustentabilidade:

“As mudanças exteriores realizadas, ou seja, as formas que as atividades e a sustentabilidade tomam, refletem diretamente as capacidades interiores, ou seja, a atitude mental ou estágio de consciência das pessoas envolvidas, principalmente das lideranças.”

A conclusão fundamental decorrente desse fato é que, se não adotarmos um novo olhar sobre a realidade na qual atuamos e sobre a qual exercemos vital influência, continuaremos dando voltas ao redor dos mesmos problemas e requeitando soluções ineficazes.

Koichiro Matsuura, abalizado formulador de políticas públicas, diretor-geral da Unesco entre 1999 e 2009, afirma que: “A educação – em todas as suas formas e em todos os níveis – não é só um fim em si, mas também um dos instrumentos mais poderosos que temos para provocar as mudanças requeridas para alcançar o desenvolvimento sustentável. Essa visão requer que nós reorientemos sistemas, políticas e práticas de ensino a fim de dar poder a todos – mulheres e homens, jovens e velhos – para tomar

decisões e agir de modo culturalmente apropriado e localmente relevante, a fim de reparar os problemas que ameaçam nosso futuro comum”.

Repensar a educação sob esse ângulo significa identificar o que concorre para que a sustentabilidade esteja presente no conhecimento adquirido por nossos futuros líderes. Sem isso, o máximo que podemos esperar deles é um conjunto de perspectivas diferentes – como ocorre hoje – e não uma visão que sintetiza e integra soluções para os desafios das empresas e do bem-estar geral.

Ou seja, o compromisso dos educadores não pode ser apenas o de formar técnicos ou especialistas eficientes em suas áreas de atuação. Acima de tudo, eles devem possibilitar uma visão ampliada e crítica a respeito do papel de cada um nos processos que os envolvem.

Sendo assim, as escolas devem partir do princípio de que a grade transversal que atinge todos os setores e o ponto de possível convergência entre suas ações em prol da sustentabilidade é uma educação que tenha uma percepção sistêmica do conjunto de desafios. Cabe à escola despertar nos alunos a capacidade de percepção e produção subjetiva para que possam atuar com sucesso num contexto altamente dinâmico e inescapavelmente exigente quanto à observância de princípios de sustentabilidade.

Diante desse imperativo, poderíamos nos perguntar: como seria a educação e quais as ferramentas e os conceitos de gestão para a promoção de valores sustentáveis? Como seria a nova geração de líderes em suas práticas dialógicas e cocriativas perante suas equipes de trabalho? Como lidariam com os desafios da sustentabilidade? O que resultaria de conversações significativas animadas por essas questões?

Pensando nisso, o Pacto Global da ONU e a *Academy of Management* patrocinaram a elaboração de um elenco de “princípios para a educação responsável em gestão empresarial”, cujo acrônimo em inglês é *Prime*. Esse compromisso já foi subscrito por centenas de educadores de conceituadas escolas de administração do mundo inteiro. Trata-se de uma proposta de reforma de profundidade da chamada educação executiva de alto nível. É um chamado feito às escolas de negócios para que analisem a forma como os futuros líderes e gestores estão sendo educados, revendo diretrizes, processos, cursos, disciplinas e metodologias. Os seis “Princípios para a Educação Responsável em Gestão Empresarial” são:

- **Propósito** – Nós vamos desenvolver as capacidades dos estudantes para que se tornem futuros geradores de valor sustentável para empresas e para a sociedade como um todo e para que trabalhem para uma economia global inclusiva e sustentável.
- **Valores** – Nós vamos incorporar em nosso currículo e em nossas atividades acadêmicas os valores da responsabilidade social global tal como retratadas em iniciativas internacionais como o Pacto Global da ONU.
- **Método** – Nós vamos criar modelos educacionais, materiais, processos e ambientes que viabilizem experiências de aprendizado eficazes para a liderança responsável.

- Pesquisa – Nós vamos nos engajar em pesquisas conceituais e empíricas que aperfeiçoem nosso conhecimento a respeito do papel, das dinâmicas e do impacto das empresas na criação de valores sociais, ambientais e econômicos.
- Parceria – Nós vamos interagir com administradores de empresas para estender nosso conhecimento sobre seus desafios no cumprimento de responsabilidades sociais e ambientais, de forma a explorar conjuntamente abordagens eficazes para atender a esses desafios.
- Diálogo – Nós facilitaremos e apoiaremos o diálogo e o debate entre educadores, empresas, governos, consumidores, mídia, organizações da sociedade civil e outros grupos interessados e acionistas em assuntos críticos relacionados com a responsabilidade social e a sustentabilidade global.

Esses princípios colocam questões cruciais: Como disseminá-los de forma transdisciplinar? Como ajudar as empresas e as organizações de governo a agirem de forma sócio-política-ambientalmente responsável? Como aprofundar o princípio 6 (Diálogo), que tem relação com todo o conjunto de atividades humanas nos seus diversos setores?

A pesquisa sobre as práticas de governança e gestão adquire uma importância vital diante da cada vez mais premente necessidade de mudança na atitude e método nesses campos. A forma de conseguir isso é pela mudança de paradigma no modo de pensar e entender o mundo e as questões de governança e gestão.

A era do controle como uma das competências essenciais do *management* já não se coaduna com os novos tempos. Na era de Ford e Taylor essa era uma conquista do moderno *management*. Hoje, o controle já é uma dimensão dominada. Temos todo tipo de instrumentos e processos para fazer isso.

A própria concepção do que é controle mudou. Já não se aceita a centralização por um líder ou processo. Buscam-se formas de exercer e obter o controle pelo compartilhamento e colaboração de todos os implicados.

A postura recomendada é a da absoluta necessidade de reorganizar, repensar, recriar e chegar a inovações significativas na formação de formuladores de políticas públicas e de gestores.

A aprendizagem significativa ocorre por meio da experiência, da vivência e da experimentação, muito mais do que nos processos fixados em repasse de conteúdos. É preciso investir em uma reforma de profundidade na educação executiva e unir as escolas de negócios em torno de uma agenda comum.

AUTOR:

Rodrigo da Rocha Loures – Fundador da Nutrimental, ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, foi professor na Faculdade de Administração da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR).